

Do passado retém-se a memória de um **vale entre colinas** e de um **curso de água** que rumava ao Tejo, aos quais se seguiram camadas de terra produtiva, onde **amalgamas sociais** desde há muito se fizeram aqui paisagem. Do líquido ao sólido, a Praça do Martim Moniz é atração que emana da desordem, do caos, da permissibilidade. Confluências, conflitos e harmonias são quotidiano deste lugar - **um palco social** de riqueza ímpar, onde o desconforto de um ambiente artificial prevalece.

Mantendo este palco como património, recupera-se a origem do lugar num processo de **renaturalização**. Sobre esta *tela vazia* abrem-se **rasgos** para que a **natureza volte a emergir e contamine a cidade**. Rasgos que são nascente, guelras que se integram no sistema respiratório da cidade. Linhas que antes eram limite, agora apontam, sugerem, mas nunca confinam - uma **desconstrução do limite** que a praça impunha, convidando à permeabilidade e liberdade.

O jardim reflete uma composição de **três rasgos** que criam distintas topografias e massas vegetais - **pinhal, choupal e floresta**. Os dois primeiros marcam a entrada a norte. Sob o pinhal, a poente, abre-se uma clareira virada à Mouraria e ao Castelo. A nascente, o choupal sombreia um terreiro onde um anfiteatro fresco dinamiza a vida social e comercial. A sul, uma densa floresta urbana e uma encosta protegem uma clareira que contempla a Graça e a Senhora do Monte. À paisagem introduz-se o conceito de mediterrâneo fusionado: vegetação mediterrânica como base maioritária funde-se e harmoniza-se com vegetação exótica, num diálogo expressivo com as culturas sociais que aqui povoam. Estes três momentos convergem para um centro: uma **praça de água**. Água encaminhada pela tensão do vale que aqui desagua e é retida numa suave *barragem*. Forma-se um plano espelhado, de limite indefinido, cujo nível se assume dinâmico ao longo do ano. Para aqui, tudo conflui - **a topografia e a água**, símbolo da vida, tornam-se chão comum, união entre culturas, memória do passado e espelho do presente. Com esta centralidade espacial e simbólica, **o jardim abre-se à Mouraria**.

Explorando as dinâmicas deste lugar de transição, as pessoas tornam-se elemento privilegiado de uma mobilidade fluida, garantindo-se livre circulação, expressão e apropriação, num jardim que comemora a identidade natural e a riqueza humana deste lugar. O **Jardim da Mouraria** é uma celebração às pessoas, às gentes da Mouraria, as de cá e as de lá, as de ontem e as de amanhã, as que passam e as que permanecem.